

Construções de mudança de estado e divergências na aquisição de espanhol L2¹

Paulo Antonio Correa*

Resumo – Uma análise das construções de mudança de estado empregadas por brasileiros aprendizes de espanhol revela uma variação translingüística na expressão da diátese não-ativa entre duas línguas consideradas tipologicamente próximas, como o português brasileiro e o espanhol. Dados demonstram que enquanto o português brasileiro associa a diátese não-ativa às formas passivas, o espanhol prefere representar essa mesma diátese pelas construções médias, e que os aprendizes brasileiros de espanhol não incorporam essa característica do espanhol ao final de sua aprendizagem formal.

Palavras-chave – Aquisição. Segunda língua. Espanhol. Voz não-ativa. Morfologia Distribuída.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo discutir a sintaxe e a semântica das construções de mudança de estado (doravante, CME) observadas na interlíngua de aprendizes brasileiros de espanhol, com o instrumental teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ 1993, MARANTZ 1997) e de abordagens formais para a aquisição de segundas línguas como a hipótese da *Transferência Plena e Acesso Pleno* (SCHWARTZ; SPROUSE 1996).

CORREA (2007c), ao analisar a interlíngua desses aprendizes, observa uma discrepância na forma como as CME envolvendo sujeitos humanos não-ativos são representadas sintaticamente no espanhol e na interlíngua empregada por brasileiros. Enquanto no espanhol esses conteúdos tendem a ser representados por meio de construções médias, na interlíngua, a construção usada preferentemente é a passiva adjetival, como nos exemplos abaixo:

* Doutor em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Brasil. E-mail: papicorrea@gmail.com.

(1) *Espanhol*: Ana se enojó con Carlos.

(*Ana se zangou com Carlos*)

(2) *Interlíngua*: Ana (se) quedó enojada con Carlos.

(*Ana ficou zangada com Carlos*)

O exemplo (1) mostra a CME típica do espanhol, média, caracterizada por exibir um núcleo verbal². O exemplo (2) mostra a CME típica da interlíngua, composta de uma pseudo-cópula e um predicativo e que se diferencia basicamente da anterior por exibir um núcleo não-verbal.

Este trabalho apresenta uma discussão sobre as razões pelas quais a construção da interlíngua produzida por brasileiros difere da construção empregada no espanhol. Apoiando-se nos pressupostos teóricos citados, mostrará que a raiz é categorizada diferentemente em cada língua, e que os aprendizes brasileiros repetem o procedimento de construção da CME em questão, proveniente de língua materna, que discrepa da forma como a construção é formulada em espanhol, o que leva à formação de estruturas diferentes em situações onde os conteúdos têm o mesmo valor aspectual. Igualmente, se demonstra que os dados da interlíngua são indício de uma aquisição imperfeita, provocada pela falsa impressão de que os parâmetros da interlíngua permitem tratar adequadamente os dados do *input*.

Na seção (1) são apresentadas as CME do português e da interlíngua e discute-se a abordagem formal à aquisição de segundas línguas. Na seção (2) apresenta-se uma proposta de análise formal dessas construções, mostrando que a diátese não-ativa oferece uma variação trans-lingüística entre português brasileiro (doravante, PB) e espanhol. A passiva adjetival, forma de diátese não-ativa preferente nas CME do PB, tem restrições de uso no espanhol, onde tem status marcado e a diátese não-ativa se faz representar preferentemente pelas construções médias, de núcleo verbal. A Morfologia Distribuída permite mostrar como a raiz, que é a mesma em ambas as construções, é categorizada diferentemente para cada caso, como adjetival ou como verbal, o que vai levar à formação, respectivamente, de passivas adjetivais e construções médias. Esse passo computacional estaria no cerne da variação translingüística. Do mesmo modo, são discutidos aspectos ligados aos traços semânticos dos sujeitos envolvidos, relacionando-se esses traços às operações sintáticas em questão.

1. Construções de mudança de estado

CORREA (2007c), ao analisar a interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol, nota que esses aprendizes associam construções inacusativas de mudança de estado e passivas a estruturas predicativas, quando no espanhol se nota que essas construções estão associadas a estruturas de núcleos verbais.

No PB a mudança de estado incoativa pode ser representada sintaticamente de duas formas:

(1) Ana se zangou com Carlos.

(2) Ana ficou zangada com Carlos.

O exemplo (1) é de uma passiva adjetival, construção caracterizada estruturalmente por um predicado composto de uma pseudo-cópula e um adjetivo na função de núcleo do predicado. O exemplo (2) é de uma construção média, caracterizada estruturalmente por um predicado verbal e um clítico.

No espanhol, também é possível representar um evento de mudança de estado pontual por meio dessas duas possibilidades, como mostram os exemplos abaixo:

(3) Ana se enojó con lo de ayer.

(Ana se zangou com o que aconteceu ontem)

(4) Ana se puso enojada con lo de ayer.

(Ana ficou zangada com o que aconteceu ontem)

No exemplo (3), a mudança de estado psicológico está representada por uma construção verbal média e em (4) vem representada por meio de uma passiva adjetival. No entanto, ainda que as formas sejam aparentemente correspondentes, a distribuição e a frequência dessas construções no espanhol não refletem as propriedades do português.

As construções de interlíngua³ se caracterizam pelo uso da passiva adjetival com a pseudo-cópula ‘quedar’, como no exemplo abaixo:

(5) Ana (se) quedó enojada con Carlos.

(Ana ficou zangada com Carlos)

O problema apresentado pelos aprendizes reside justamente na preferência pelo emprego de passivas adjetivais, em sua interlíngua, para representar a noção incoativa de mudança de estado, em detrimento do

uso das médias, quando as médias no espanhol são as construções empregadas tipicamente para representar esse tipo de mudança de estado, conforme levantamento de CORREA (2007c). Isso gera uma discrepância entre os dados da interlíngua e os da língua-alvo.

Essa discrepância é por nós interpretada como sinal de uma aquisição imperfeita, dentro do contexto da análise formal de aquisição de segundas línguas. A teoria *Transferência Plena/Acesso Pleno* (*Full Transfer/Full Access*), de SCHWARTZ; SPROUSE (1996), faz algumas previsões a respeito da aquisição de segundas línguas, que têm se confirmado em inúmeros trabalhos dedicados ao assunto. De acordo com essa teorização, (i) a língua materna tem um papel preponderante no processo de aquisição de segundas línguas; (ii) na aquisição de segundas línguas há acesso à Gramática Universal; e (iii) a aquisição de segundas línguas é um processo que difere da aquisição de L1 pelo fato de que o aprendiz acessa os dados do *input* da nova língua, tendo, na sua cognição, todo o arcabouço paramétrico de sua L1.

Assim, a aquisição de segundas línguas é lida com uma interação entre o background do aprendiz e os dados do *input*; estes são, em certa medida, mediados pelo conhecimento de língua de que os aprendizes dispõem. Da mesma maneira, essa teorização prevê que, num primeiro momento, ocorre uma transferência total: a interlíngua dos aprendizes, nos estágios iniciais de sua aquisição, constitui, *grosso modo*, um clone da língua materna, com cujos recursos ele vai acessar e interpretar os dados do *input*. À medida que esta se desenvolve, com o sucessivo acúmulo de exposição do aprendiz aos dados do *input* da L2, o sistema lingüístico da interlíngua sofre reestruturações, provenientes da re-fixação dos parâmetros, o que significa que a GU permanece acessível inclusive na aquisição de segundas línguas por adultos. A justificativa para isso é que as gramáticas resultantes da aquisição, mesmo quando não convergem com a da língua-alvo, não são gramáticas selvagens, e, sim, demonstram processos observáveis em outras línguas, o que é indício de que são reguladas pela GU.

No entanto, o sistema só se reestrutura com base nos dados do *input*, e estes dados, na aquisição de segunda língua, são lidos pelo aprendiz de maneira bastante diferente que no caso da aquisição de L1, já que são, de certo modo, mediados pela vivência da L1. LICERAS (1997, 2000) defende que essa diferença passa por um processo de acesso às unidades

maiores do *input*, tais como sintagmas inteiros, *top-down*, que se diferenciaria essencialmente da forma de acesso de um aprendiz de L1 ao *input*, que se daria por unidades mínimas da computação: traços, em um procedimento *bottom-up*, já que, de acordo do Programa Minimalista (CHOMSKY 1995, 2000), os traços são os elementos responsáveis pela fixação de parâmetros. No caso da aquisição de segunda língua, pelo contrário, o sistema da interlíngua procura interpretar os dados com os parâmetros que já possui, só promovendo reestruturações quando não há uma correspondência entre parâmetros da interlíngua e dados do *input*, ou seja, quando este não consegue interpretar os dados do *input*.

O que se observa na aquisição das CME do espanhol por brasileiros é que, apesar de que a língua-alvo se comporta de maneira bastante uniforme na representação sintática das CME em questão, a reestruturação não se dá e a produção dos brasileiros é caracterizada pela preferência pelas passivas adjetivais, a uma taxa de 64% de passivas adjetivais para 36% de construções médias. Curiosamente, essa taxa reflete os números do PB: 70% dos dados quantificados por Correa 2007c eram de passivas adjetivais e 30% de construções médias. Esses dados discrepam em bloco dos resultados da análise efetuada do espanhol: dados do *Corpus de Referencia del Español Actual* mostram uma ocorrência de 88% de médias para 12% de passivas adjetivais.

Essa discrepância entre as duas línguas está representada no gráfico a seguir:

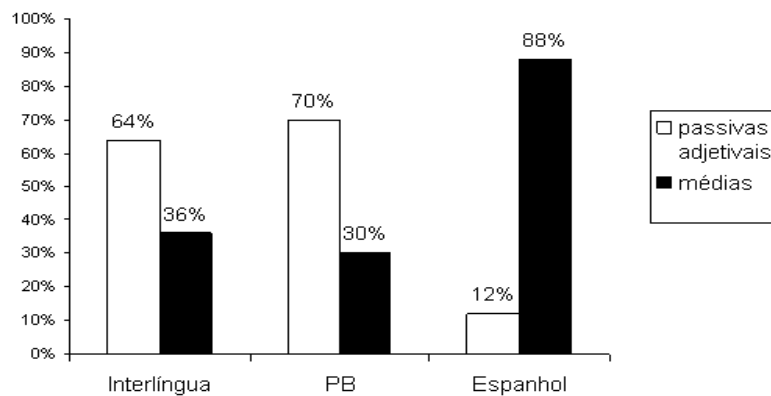


Figura 1 - Passivas adjetivais e médias em interlíngua, PB e espanhol.

A Figura 1 mostra como os valores da interlíngua refletem os valores do PB e que ambas as línguas discrepam do espanhol.

1.1. Razões para a não-reestruturação do sistema

Uma análise qualitativa das CME do PB mostra que para os contextos em questão a mudança de estado incoativa pode ser representada sintaticamente de duas formas, como em (1) e (2), acima, repetidos, aqui, como (6) e (7):

(6) Ana se zangou com Carlos.

(7) Ana ficou zangada com Carlos.

Cada uma das construções acarreta valores aspectuais diferentes, mas ambas as construções são utilizadas para a expressão da mudança de estado de aspecto incoativo não-permansivo, o que pode ser observado por meio do teste de adjunção:

(8) Ana se zangou com Carlos na hora que soube da verdade.

(9) Ana ficou zangada com Carlos na hora que soube da verdade.

Para este contexto, essas construções são intercambiáveis uma pela outra. No entanto, tal não é possível em espanhol:

(10) Ana se enojó com Carlos en cuanto supo la verdad.

(11) *Ana (se) quedó enojada con carlos en cuanto supo la verdad.

Em (10) a construção média admite um adjunto que leva a uma interpretação pontual do conteúdo de mudança de estado. O asterisco em (11) mostra que a passiva adjetival não admite associação a um evento pontual. Esta admite um adjunto capaz de atribuir um componente semântico permansivo:

(12) Ana (se) quedó enojada con Carlos durante días.

Assim, passivas adjetivais e médias para a expressão de mudança de estado têm distribuição complementar em espanhol. Já em PB, não é assim em todos os casos: pelo menos no contexto descrito, os dados mostram duas coisas: que ambas as construções aparecem e que as passivas adjetivais são mais freqüentes que as médias. No espanhol, como discutido acima, nesse contexto, as construções médias se impõem de uma forma quase categórica.

Se a gramática da interlíngua inicialmente opera com os mesmos parâmetros e regras que a gramática do PB, as construções médias do *input* do espanhol são associadas, na interlíngua, às passivas adjetivais. Como, no espanhol, as passivas adjetivais também existem (com uma menor taxa de ocorrência e, principalmente, para contextos em que a mudança de estado é permansiva), o aprendiz tem a falsa impressão de que a gramática da sua interlíngua dá conta adequadamente do *input*. Essa situação de aquisição imperfeita se dá por uma razão semelhante à descrita por GONÇALVES (2005, p. 51) na aquisição do português como L2 em Moçambique, quando aprendizes atribuem ao português europeu (PE) valores paramétricos diferentes:

Embora os novos valores de parâmetro sejam diferentes dos valores da gramática do PE, a reestruturação gramatical fica bloqueada, porque, do ponto de vista dos aprendizes, os novos valores do parâmetro parecem não só permitir analisar o *input* com sucesso, como gerar dados que convergem com o *input* da língua-alvo.

Evitaremos falar em parâmetros para o caso da aquisição das CME do espanhol, substituindo essa idéia pela noção de ‘regra’. Nesse caso, nenhuma nova regra do espanhol (aquela que, de alguma maneira, associa sujeitos não-agentivos a construções verbais) é incorporada, uma vez que os procedimentos da interlíngua dão a falsa sensação de serem capazes de analisar o *input* (já que a construção média também existe no PB), e, para a produção, entre passivas adjetivais e médias, vamos defender que as primeiras são construções mais econômicas, no sentido de terem uma computação menos custosa, e por isso, são as preferidas da interlíngua, mesmo gerando construções anômalas para os contextos em que são inseridas. Esses casos são tão freqüentes, que uma professora de espanhol para brasileiros na Argentina é levada a comentar o fato. LIEBERMAN, (2006, p. 6) mostra um exemplo de passiva adjetival empregada no contexto de mudança de estado incoativa pontual e comenta a sua inadequação ao sistema do espanhol:

Si no voy a Brasil, mi hijo queda enojado. (Se eu não for ao Brasil, meu filho vai ficar zangado). A versão **aceitável** desta oração exigiria a presença da forma léxica enojarse (zangarse): Si no voy a Brasil, mi hijo

se enjoja (se eu não for ao Brasil, meu filho vai se zangar), já que enojarse (zangar-se) é um verbo reflexivo–incoativo (...)⁴

O exemplo de LIEBERMAN mostra que realmente existe um problema de aquisição imperfeita na interlíngua, no que diz respeito às CME.

Apresentaremos uma descrição estrutural das passivas adjetivais e das médias da interlíngua, procurando mostrar o procedimento computacional envolvido nessa construção.

2. A Morfologia Distribuída

Apresentada inicialmente por HALLE; MARANTZ (1993), e posteriormente refinada por MARANTZ (1997, 2001), HARLEY; NOYER (1999), EMBICK (2004), a Morfologia Distribuída (doravante, MD) é uma teoria que revê o papel da morfologia no processo computacional da linguagem. Os papéis atribuídos à morfologia, pelo princípio da projeção (CHOMSKY, 1981B) no modelo lexicalista de Regência e Ligação, que são o de montar as palavras no léxico (i) e de recheá-las com os morfemas (ii), neste modelo, são distribuídos para os outros dois componentes indispensáveis em um modelo minimalista de gramática: a sintaxe, para a formação de palavras, e o estágio morfo-fonológico, no final da computação de cada fase. Desta maneira, neste modelo não existe léxico. As atribuições que concernem ao léxico nas teorias projecionistas são divididas na MD em um conjunto de três listas estáticas, sem nenhum componente gerativo (baseadas em MARANTZ 1997, 2001):

Lista 1. Dos terminais sintáticos. Contém as raízes e os morfemas abstratos.

Lista 2. Contém os itens de vocabulário (IV's). Um IV é um expoente fonológico que vem a ser inserido em dado morfema abstrato e é proveniente de uma relação entre um conjunto de elementos fonológicos e um conjunto de traços gramaticais.

Lista 3. Contém os significados idiomáticos associados às raízes, tanto em sua forma simples como em sua forma complexa. É denominada “enciclopédia”.

A gramática, no modelo da MD, se resume, então, a: (1) um conjunto de primitivos, obtidos da *lista 1*; (2) um sistema computacional que combina esses primitivos, obtendo objetos complexos (a sintaxe); (3) uma interface com o sistema conceitual-intencional (C-I), como previsto no Programa Minimalista, onde se dá o acesso ao componente da lista denominado enciclopédia; e (4) uma interface com o sistema articulatório/perceptual (A-P), onde o resto do trabalho da morfologia é feito, quando entram no processo os elementos da *lista 2*, o vocabulário.

A construção de sentenças, desde o primeiro procedimento de concatenação até o *spell out* compreende três momentos fundamentais: a computação sintática, a estrutura morfológica e a inserção morfológica. Estes três passos estão bem definidos e as operações da gramática se dividem entre esses três momentos da construção.

Na *estrutura sintática* realizam-se as operações sintáticas básicas (*concatenar* e *mover* ou *copiar*) e ocorre o acesso aos elementos da lista 1. Isso significa dizer que os elementos com os quais a sintaxe (propriamente dita) trabalha são de dois tipos: traços abstratos organizados em feixes e posições vazias onde serão inseridas as raízes.

O passo seguinte ao das operações sintáticas é a *Estrutura Morfológica*, onde ocorre a inserção de morfemas abstratos que posteriormente serão preenchidos por expoentes fonológicos. Os morfemas abstratos podem ser de dois tipos: *morfemas-f*, que correspondem, grosso modo às categorias funcionais e vêm a ser preenchidos com expoentes fonológicos da lista 2 no passo de inserção morfológica e *morfemas-l*, que ocupam os *placeholders* da sintaxe e vêm a ser preenchidos pelas raízes no passo seguinte. Junto com a inserção dos morfemas abstratos, têm lugar, na estrutura morfológica, as operações computacionais extra-sintáticas.

A *inserção morfológica* é o passo computacional seguinte. Neste passo não há mais operações de construção (sintática) nem operações morfológicas, a estrutura já está pronta. Neste momento ocorre a associação dos morfemas abstratos presentes na computação a expoentes fonológicos já existentes na lista 2 da língua. Estes são chamados itens de vocabulário (IV) e respondem a certos conjuntos de traços. Assim, há itens mais especificados e itens menos especificados. A inserção dos IV nos morfemas-f para que a sentença ganhe materialidade se dá por uma espécie de competição entre os IV passíveis de inserção nos morfemas, re-

gulada pelo princípio do subconjunto (HALLE, 1997), que determina que qualquer IV que contenha um subconjunto dos traços existentes no morfema abstrato pode competir por inserção, e o que decide qual IV é o que vem a ser inserido é a maior quantidade de traços coincidentes entre item de vocabulário e morfema. Esta estrutura é mandada para a interface conceitual, onde uma lista ligada ao conhecimento de mundo atribui significado àquela construção.

O modelo pode ser assim esquematizado:

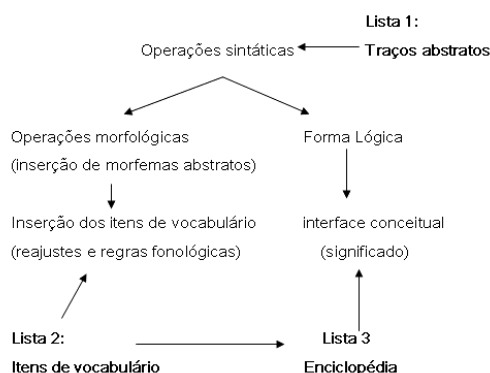


Figura 2 – O modelo da morfologia distribuída (adaptado de Embick, 2004).

Itens são formados através de sucessivas concatenações sintáticas (“merges”) produzidas por movimento de núcleo em adjunções sucessivas, no denominado *princípio do espelhamento*, que determina que a construção de palavras reflete a construção de sentenças: assim como a construção de sentenças se dá por meio das operações sintáticas básicas *concatenar* e *mover*, a palavra, neste modelo, é um produto sintático, assim como as sentenças, formada por meio das mesmas operações que concatenam e movem unidades sintáticas mínimas: feixes de traços e raízes.

2.1 A estrutura das construções de mudança de estado

As passivas adjetivais (doravante, PA) se diferenciam estruturalmente das médias por serem construções compostas de duas palavras: [cópula/pseudo-cópula+adjetivo/particípio], o que significa que no caso das PA, há duas raízes a serem inseridas, além daquelas dos argumentos. Além disso, as construções transitivas são necessariamente eventivas, enquan-

to as PA apresentam um componente estativo. Enquanto transitivas e médias são verbais, as PA apresentam um núcleo não-verbal. EMBICK (2004) diferencia as PA em dois tipos, PA estativa, como em ‘ela ficou triste’ e PA resultativa, como em ‘ela ficou entristecida’. No caso específico da PA estativa, cujo núcleo é um adjetivo, observe-se que a noção incoativa de mudança de estado não é dada pelo predicativo, e sim pela pseudo-cópula a ela associada. No caso de ser empregada a cópula *estar*, a PA vem a ser destituída de qualquer noção incoativa e só tem a semântica da representação de um estado que associa ao DP. No caso das CME, a pseudo-cópula empregada é, obrigatoriamente, “ficar”, e então, no cálculo semântico da composição de todos os elementos, é que ela vem a ter uma leitura incoativa. Quando o adjetivo apresenta um morfema –d–, lido por IPPOLITO (1999) como realização do núcleo T em verbos e no núcleo Asp em ambientes nominais, o elemento ganha uma semântica estativa, que adjetiviza nomes em adjetivos, como no exemplo abaixo:

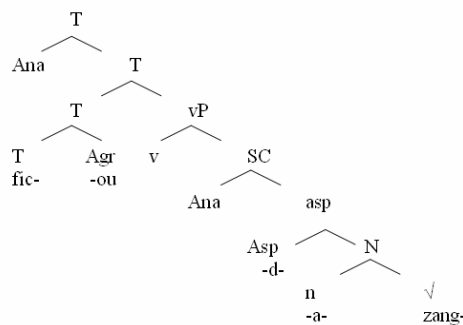


Figura 3 – Passiva adjetival. Ana ficou zangada

A representação mostra o resultado da computação da passiva adjetival estativa. Essa PA é caracterizada por apresentar um adjetivo como núcleo do predicado que se forma da seguinte maneira: a raiz se concatena com um categorizador nominal, que introduz a semântica estativa típica do adjetivo. Essa concatenação tem como resultado um sintagma aspectual (AspP), que vai tomar por argumento o DP único da sentença, formando uma *oração pequena* (*small clause*, SC). Esta estabelece uma relação de predicação. A concordância de DP e adjetivo se dá por cópia de traços no momento da inserção do DP na estrutura, em cuja posição satisfaz as

relações temáticas da construção, sendo interpretado como *TEMA*, entidade afetada pela eventualidade ali veiculada. No passo seguinte da composição, a *small clause* se concatena com um núcleo verbal sem spec, que, por esse fato, atribui configuracionalmente ao seu complemento uma semântica incoativa. No passo de *estrutura morfológica* o terminal *vezinho* vem a abrigar a raiz da pseudo-cópula, inserida no terceiro passo, o de *inserção morfológica*⁵. O núcleo T, na estrutura morfológica, sofre uma operação de *fissão* e se divide em dois terminais que vão abrigar, na *inserção morfológica*, os morfemas de tempo e de concordância que a pseudo-cópula exhibe. A concordância da pseudo-cópula se dá por cópia dos traços do DP que é alçado da *small clause* para o especificador de TP, movimento motivado por razões de checagem de Caso⁶.

O diagrama representa também os itens de vocabulário (IV's) inseridos na construção no passo de inserção morfológica, em cada uma das sentenças.

No caso da construção média, A peça de construção que a diferencia da estrutura anterior é o categorizador com o qual a raiz se concatena. O sentido da raiz na construção média é negociado como verbal, por meio da concatenação com um verbalizador.

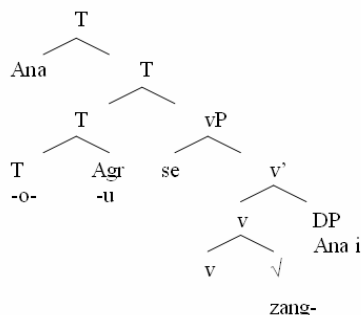


Figura 4 - CME média. Ana se enojó (Ana se zangou)

Como o DP *Ana* é não-agentivo, este ocupa a posição de complemento de *vezinho*, obtendo papel temático *TEMA* de *vezinho*. O spec de *vezinho* é ocupado por uma cópia dos traços do DP único, que já foi inserido na posição de complemento de *vezinho*. Pelo fato de os traços do DP em spec de *vezinho* e seu complemento se identificarem, este *vezinho* é incapaz de

atribuir Caso acusativo ao seu complemento, o que força o movimento do DP para obtenção de Caso, superficializando-se como sujeito. Configuracionalmente, vP é completo, o que lhe atribui uma semântica causativa, ainda que não-agentiva, uma vez que o spec está ocupado pelo clítico, que absorve o papel temático de causador.

As formas de diátese não-ativa em questão, passivas adjetivais e médias, inicialmente configuram uma classe, que se opõe à diátese ativa, associada a construções de sujeitos eminentemente agentivos. O tratamento da questão por meio da Morfologia Distribuída, apresentado neste trabalho, permite captar formalmente essas observações, uma vez que associa passivas e médias quanto ao seu conteúdo e as distingue quanto à sua forma. Da mesma maneira, a diferença formal que se estabelece conduz às propriedades aspectuais divergentes de uma e de outra.

Este tratamento dos dados permite conceber as realizações de interlíngua do espanhol como indício da colocação em funcionamento do mesmo processo de construção que produz as passivas adjetivais do PB, que, para as CME de sujeitos passivos, concatena a raiz com um nominalizador (caso de ‘ficou zangada’) ou adjetivizador (caso de ‘ficou triste’, por exemplo). Isso demonstra que pode se tratar de um algoritmo de computação que seleciona categorizadores não-verbais (*enezinhos* e *azinhos*) diante de DPs únicos de traços não-agentivos.

Tal computação não se verifica em espanhol, onde a superioridade numérica e distribucional de construções médias nos mesmos contextos mostra uma preferência pela categorização da raiz como verbal, independentemente do traço semântico do DP único da construção.

Assim, DPs não agentivos em PB parecem ser desassociados de construções verbais, em pelo menos um paradigma do PB⁷, aquele que responde pelos 70% dos dados observados. Esse é um fato observado também por MOINO (1989) em outra instância da diátese não-ativa, as construções passivas, uma vez que a autora mostra uma preferência no PB pelas passivas sintáticas (compostas de auxiliar+particípio) sobre as passivas pronominais (caracterizadas pelo clítico e o núcleo verbal). Os dados das passivas do PB estão, mais uma vez, em discordância com os dados do espanhol. ARAÚJO JR. (2006), valendo-se de um estudo de BARRENECHEA; MANACORDA DE ROSETTI (1979), mostra que enquanto o PB exhibe uma preferência pelo emprego de passivas sintáticas, o espanhol demonstra preferência inversa, pelo emprego das passivas pronominais. Esse dado re-

força os achados deste trabalho, dando indícios de uma possível variação translingüística entre PB e espanhol no que se refere à forma que a diátese não-ativa toma em cada língua⁸.

Com relação à interlíngua, esta mostra a concorrência de duas gramáticas, uma vez que não houve variação individual nos resultados. Uma delas, aquela responsável pela formação de passivas adjetivais (64% dos dados) constitui uma gramática que não se reestruturou com base no *input* das CME médias do espanhol. O tipo de DP único da construção pode ter influído na escolha do núcleo funcional que vai categorizar a raiz, tal como ocorre na língua materna. A maioria dos dados do espanhol não demonstra essa correlação, mas o fato de existirem passivas adjetivais no espanhol, ainda que com distribuição restrita e baixa freqüência, dá ao aprendiz a falsa impressão de que, com o mecanismo de que dispõem em interlíngua, os dados do *input* podem ser adequadamente tratados, o que impede a reestruturação do sistema, que se daria por meio da incorporação do núcleo funcional *vezinho* a construções de sujeitos passivos.

3. Conclusão

A análise das construções formuladas pelos aprendizes de espanhol ajudou a elucidar características do PB e do espanhol que apenas em uma perspectiva comparada puderam ser vislumbradas. Pôde-se observar que, no tocante à distribuição das CME pontuais, português e espanhol diferem radicalmente, como em muitos outros aspectos sintáticos. A proximidade tipológica entre as duas línguas, antes de ser um fator facilitador da aquisição, funciona como um mecanismo encobridor de diferenças e impede que o sistema da interlíngua dos aprendizes se desenvolva de maneira ideal. Neste trabalho foi possível observar algumas instâncias da aquisição imperfeita: (i) a criação, regulada pela GU, de uma nova pseudo-cópula que não corresponde distribucionalmente ao elemento original, apesar de manter a mesma forma do cognato espanhol e (ii) a manutenção do mecanismo de construção sintática da L1 para as CME em questão, incorporado nos primeiros estágios da interlíngua.

Notas

- ¹ Agradeço a Marcus Maia, Neide González e Márcia Damaso Vieira e Juana Liceras pelas discussões sobre versões anteriores deste trabalho. Esta pesquisa foi financiada pelo CNPq sob a forma de Bolsa de Doutorado.
- ² Isso não significa que o espanhol não dispõe de passivas adjetivais, como se mostrará adiante.
- ³ Os dados foram provenientes de testes de produção e de representação lingüística de 26 brasileiros considerados falantes de interlíngua estável de espanhol, visto que eram todos formados em cursos universitários de Letras – Português/Espanhol de 8 diferentes instituições do estado do Rio de Janeiro.
- ⁴ *Si no voy a Brasil, mi hijo queda enojado.* La versión aceptable de esta oración exigiría la presencia de la forma léxica *enojarse*. *Si no voy a Brasil, mi hijo se enoja*, ya que *enojarse* es un verbo reflexivo – incoativo (...).
- ⁵ Essa determinação é configuracional, uma vez que núcleos verbais de semântica incoativa podem vir a ser preenchidos com morfemas abstratos ou raízes. O que determina a opção pela inserção de uma raiz nessa posição estrutural, é a configuração na qual esse núcleo verbal se encontra, onde não há possibilidade de inserção de um morfema abstrato, já que a concatenação se dá com uma *small clause*.
- ⁶ Uma vez que a concordância é uma categoria considerada de fora da computação sintática, pelo fato de não ser universal, o que significa dizer que, como seu aparecimento varia segundo a língua, não pode estar previsto na estrutura sintática, e, sim, no passo de estrutura morfológica, onde as idiosincrasias de cada língua promovem reajustes na estrutura criada pela sintaxe.
- ⁷ Para usar a expressão empregada por DUARTE 1993, que mostra, dentro da Teoria de Regência e Ligação, que no PB convivem paradigmas diferentes relacionados à marcação do parâmetro pro-drop.
- ⁸ Essas características podem mostrar que no PB convivem diferentes paradigmas em tensão, um que tende a categorizar raízes como verbais, independentemente das características do DP único, como no espanhol, e outro, que marca a distinção entre raízes verbais e não-verbais, levando em conta o traço de agentividade do DP único. Um poderia estar, diacronicamente, se suplantando ao outro, o que é um tema para pesquisa futura.

Change of state constructions and divergence in the acquisition of L2 Spanish

Abstract – An analysis of change-of-state constructions used in the interlanguage of Brazilians learning Spanish shows a cross-linguistic variation concerning the expression of non-active voice between two languages considered typologically related, such as Brazilian Portuguese and Spanish. Data show that whereas Brazilian Portuguese codifies this diatheses by means of adjectival passives, Spanish

expresses this diathesis by means of middle constructions in syntax, and Brazilians learning Spanish do not incorporate this Spanish construction procedure at the end of their formal instruction.

Keywords – Acquisition. Second language. Spanish. Non-active voice. Distributed Morphology.

Referências bibliográficas

ARAÚJO JR., B. 2006. *As passivas na produção escrita de brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São paulo, USP, São Paulo, 2006.

BARRENECHEA, A.M.; MANACORDA DE ROSETTI, M.V. *Estúdios lingüísticos y dialectológicos: Temas hispánicos*. Buenos Aires : Hachette, 1979.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981b.

_____. (1995) *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho. 2000. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge: MIT Press, 2002.

CORREA, P.A.P. A expressão da mudança de estado na interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2007. 2007c.

EMBICK, D. On the structure of resultative participles in English. *Linguistic Inquiry*, v. 35, n.3, 2004, p. 355-392.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. Ms. U. of Pennsylvania, 2004.

GONÇALVES, P. Falsos sucessos no processamento do *input* na aquisição de L2: Papel da ambigüidade na gênese do português de Moçambique. *Revista da Abralin*, v.1-2), n. 4, 2005, p. 47-74.

HALLE, M. Distributed morphology: impoverishment and fission. *MITWPL*, n. 30, 1997, p. 425-499.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: K. HALE, K.; KEYSER, S.J. (eds.) *The View from Building*, n. 20. Cambridge, MA: The MIT Press, 1993, p. 111-176.

- HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed Morphology. *GLOT International*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999 .
- IPPOLITO, M. On the Past Participle Morphology in Italian. *MITWPL*, v. 33, 1999, p. 111-137.
- LIEBERMAN, D. Efectos de sentido de *quedar(se)* en la interlengua de brasileños aprendices de español, trabalho inédito. Buenos Aires: UBA, 2006.
- LICERAS, J. The now and then of L2 growing pains. In: DÍAZ, L.; PÉREZ, C. (eds.) *Views on the acquisition and use of a second language. EUROSALA'7 proceedings*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1997.
- LICERAS, J.; DÍAZ, L. La teoría chomskiana y la adquisición de la gramática no-nativa: a la búsqueda de desencadenantes. In: Muñoz, C. (ed.) *Segundas lenguas. Adquisición en el aula*. Barcelona: Ariel Lingüística, 2000.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. IN: PENN LINGUISTICS COLLOQUIUM, 21., 1997. *Proceedings...*
- _____. *Words*. Paper presented at the West Coast Conference of Formal Linguistics, UCLA, 2001.
- MOINO, R.E. Passivas nos discursos oral e escrito. No princípio era o verbo. E o verbo se fez adjetivo? Ou... o que estamos fazendo no oral! In: TARALLO O.F. (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1989.
- PORROCHE BALLESTEROS, M. *Ser, estar y verbos de cambio*. Madrid: Arco Libros, 1998.
- SCHWARTZ , B.; SPROUSE, R. L2 Cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research* , v. 12, 1996, p. 40-72.

Recebido e aprovado para publicação em junho de 2007